

CULTURA E JUVENTUDE: REFLEXÕES PARA UMA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO NO CAMPO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Patrícia Maneschy Duarte da Costa – UERJ

pmaneschy@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa vincula-se ao Doutorado no PROPED/UERJ. Trata da compreensão de políticas norteadoras para o desenvolvimento da cultura na extensão universitária que viabilize a formação da juventude como sujeitos educacionais e sociais. Contribui assim, com a reflexão sobre a atual vivência política na extensão que limita-se a realização de eventos dissociados da formação cultural e sim altamente específicos nas áreas de conhecimento.

Palavras-chave: juventude; extensão universitária; cultura

INTRODUÇÃO

Esse artigo inicia a reflexão sobre algumas questões da cultura na universidade, quiçá um papel, quiçá contribuição para a formação das juventudes, quiçá propostas de políticas de cultura na universidade!

É com esta dimensão que o presente artigo procura apresentar a pesquisa de doutorado, iniciado em 2006 sob a orientação da Prof^a Dr^a Mirian Paura S. Z. Grinspum, sendo desenvolvido na Linha de Pesquisa Infância, Juventude e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/ FE/ UERJ).

Retomando algumas costuras sobre a construção desta pesquisa

Em 2003 concluí-se a pesquisa de mestrado “*Os jovens e o mundo virtu@l: as artimanhas dos valores nos chats da Internet*”, direcionada aos estudos dos valores eleitos pelos jovens quando presentes nos chats de Internet, buscando analisar a presença destes no mundo como sujeitos que se formam no interagir com as novas trajetórias do conhecimento científico e as necessidades mais sutis da formação humana. Foram implicados no estudo os espaços/ tempos de construção da identidade dos jovens e os valores que constroem a partir do contexto tecnológico que os circunda. A partir da identificação de valores e a possível identidade em formação, buscou-se estabelecer a relação destas questões com a educação, em um primeiro momento elucidar as implicações nos espaços de aprendizagem não formal, as salas de chats, e em um segundo momento a aprendizagem os espaços formais, as escolas. A pesquisa abriu vários campos de estudo e aprofundamento na área de jovens, indicando algumas questões que poderiam ser pesquisadas, tais como: a utilização de uma nova

linguagem virtual peculiar a cada grupo juvenil; uma nova identidade, mais híbrida e *interacional*; as políticas para juventude hoje proposta do governo atual, e que carece de estudos mais aprofundados sobre a juventude – suas características, seus modos de pensar e fazer; e enfim, a relação com a cultura e a sociedade em que se inserem e agem como sujeitos/ indivíduos que protagonizam espaços e constroem uma, dada e hoje localizada, *cultura juvenil*.

Este estudo suscitou o interesse de aprofundamento na área específica das culturas juvenis e as políticas universitárias que poderiam contribuir em benefício às políticas para/ da formação da juventude¹.

A investigação reflexiva se direciona para três eixos de distintos porém integrados ao problema de estudo: a cultura; a juventude e a extensão universitária.

Conversando sobre os eixos de estudo – referencial teórico² em questão

Estudar a juventude é hoje uma questão de encontro com a atualidade, uma afirmativa um tanto que já muito discutida?

A primeira consideração a ser feita é a que diz respeito a “agenda jovem”, uma ação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que identifica a partir de documentos internacionais³ a preocupação com a juventude em várias situações seja de risco, seja para ingresso no mercado de trabalho, seja para inclusão social, seja na carência de educação em determinadas áreas, seja por serem vítimas e/ ou envolvidos

¹ Não utilizo a expressão “da juventude” no plural porque não estou me referindo as diferentes juventudes, na visão de Maffesoli (4ed., 2006) com referências as neotribos, em que o individualismo é superado pelo coletivo nas sociedades modernas. Mas o singular da expressão significa pensar em específico a juventude universitária, em uma perspectiva de estudantes em formação em universidades, e não a um grupo específico de estudantes de uma dada universidade.

² O referencial teórico trabalhado na pesquisa se estende por muitos autores não citados neste artigo, pois o mesmo não permite uma descrição mais detalhada de cada eixo de compreensão da composição da discussão teórica, sendo assim, lista-se a seguir alguns autores em que se está discutindo os conceitos e as fundações de explicação e análise desta pesquisa são eles: na área de cultura – Chauí (2003), Larraia (1993, 2005), Velho (2004), Geertz (1989) Bhabha (1998), Santos (2006), Yudice (2004) e Lahire (2006). Universidade e Extensão – Thiollent (2003), Nussenzveig (2006), Nogueira (2000, 2005), Thayer (2002), Trindade (1999). Juventude – Grinspun (2003, 2004, 2005), Pais (1993, 2004), Novaes & Vannuchi (2004), Abramo & Branco (2005), pós-modernidade – Maffesoli (1996, 2001, 2004, 2005), Felix & Guatarri (1998, 1999), Bawmann (1998, 2004).

³ Entre tantos documentos podemos encontrar a “Agenda 21”; documentos da “Organização Internacional do Trabalho” – OIT; Documentos do “Fórum social Mundial”; documentos de Encontros e Seminários realizados pelo MERCOSUL. O “Report of the UNESCO General Conference youth fórum 2005”, que tratou de assuntos sobre a juventude; documentos de pesquisas sobre a juventude realizados pelo Instituto Cidadania, com mais de 12 anos de produções colocadas ao domínio público; documentos gerados por várias instituições da sociedade civil que tem como foco a juventude; documentos como, CEPAL OIJ, 2000, o PNUD, 2001, NTICS; a Declaração de Princípios da Cúpula da Sociedade da Informação (2003); entre outros.

em violências sociais, e outros, indo até as preocupações mais efetivas como as políticas públicas que atendam em diferentes aspectos a este segmento de população nas sociedades.

Considerando que os jovens no Brasil “enfrentam diversas vulnerabilidades, que são sujeitos de direitos e atores estratégicos do desenvolvimento” (documento da UNESCO, 2004), foram realizadas pesquisas em diferentes áreas, a partir de 1997, que permitiram a elaboração de um retrato dos jovens considerando suas *próprias palavras*, demonstrando seus anseios e suas necessidades. Estas pesquisas subsidiaram debates que se relacionavam as juventudes nas áreas de; educação, cultura, ingresso no mercado de trabalho, acesso a lazer e esporte, vulnerabilidade, sexualidade, drogas, violência em geral, entre outros; que contribuíram para se pensar em políticas para uma parcela de 34 milhões de uma população de jovens entre 15 a 24 anos no Brasil.

Uma segunda consideração encontra-se algumas falas que identificam a vulnerabilidade quanto a formulação de um conceito único de juventude. Trata-se de encontrar entre os jovens os grupamentos de características específicas de comportamento e *modus*, tanto de estar como de se relacionar com o *lócus*, por grupo. Para Dayrell (2003) “a juventude é uma diversidade muito grande; não existe uma juventude, mas juventudes no plural”. É em Mauger⁴ (apud Spósito, 2000) que podemos identificar a imprecisão da definição da categoria juventude, por apresentar-se “epistemologicamente imprecisa”. Na tentativa de definição e resolução do impasse quanto a imprecisão Spósito (2000) comenta o viés sociológico de análise do problema, a partir do momento em que os critérios para categoria juventude considere os sujeitos históricos e culturais. Para Groppo (2000) a juventude pode ser definida como categoria social como a tomamos para além da definição advinda das “classe de idade”, ou da “classe social”. Quando ela é definida como categoria social se constitui em uma representação sócio-cultural e uma situação social – dada por Mannheim no que chama de grupo social concreto⁵. A discussão sobre o conceito de juventude perpassa o questionamento desta como categoria, e enquanto um conceito advindo da área da sociologia, esta mesma ciência não consegue definir muito bem o seu objeto. Sendo assim, Groppo (2000) define juventude como uma

“concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de

⁴ Pesquisador francês, citado por Spósito (2000) que em suas pesquisas verifica um problema clássico, o de “delimitação de domínio de objeto”, nos apresenta a dificuldade de estabelecer uma definição própria da categoria juventude, pois identifica que é “epistemologicamente imprecisa”.

⁵ Por Karl Mannheim. “O problema sociológico das gerações”, in Marialice M. Foracchi (org.) Mannheim, Col. Grandes Cientistas Sociais – 25, São Paulo, Ática, 1982.

comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vida em comum por certos indivíduos”. (GROPPO, 2000, p. 08)

A visão aqui abordada, na pesquisa, irá partir do ponto de vista em que se entendem as abordagens sobre o conceito de juventude, não sendo contraditórias entre si, mas complementares. Centram-se nos “traços e sentidos da condição juvenil na atual conjuntura” (ABRANO, 2005, p. 40). As oscilações e tensões, nas análises advindas da literatura sociológica - Margulis (1986) e Spósito (2003) - que privilegiam o campo do simbólico somente podem tratar a juventude como “mero signo, uma construção cultural relativamente desvinculada das condições materiais e históricas” (ABRAMO, 2005, p. 42), e considerar somente a posição na estrutura socioeconômica e que acabam por laçar a noção de juventude destituída de significação social, reduz o campo de compreensão de análise e compreensão do próprio objeto de estudo. Assim, privilegiaram-se as análises da

“juventude como; toda categoria socialmente constituída, que atende a fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica, mas também tem que ser analisada a partir de outras dimensões: aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais toda produção social se desenvolve” (MARGULIS, 1996, p. 17),

incluindo a ótica, privilegiada, da “fala” do jovem à sociedade e vice versa, considerando as mudanças históricas que influenciaram a condição juvenil hoje [sociedades pós-moderna e do conhecimento], as mudanças econômico-sociais, da cultura, e principalmente pela experiência e protagonismo da juventude.

Neste trabalho corrobora para demonstrá-la a importância da juventude como um dos eixos de discussão as questões que hoje envolvem não somente a preocupação com a formação da juventude, mas em destaque as questões sobre a política para/ da juventude. Tratada hoje em programas do governo federal como uma de suas prioridades no atendimento aos jovens. Não se trata a presente pesquisa de discutir e analisar essas políticas em voga, mas de trazer esta área de atenção à juventude como relevante para a discussão a partir do momento em que se estabelece uma relação entre a formação dos jovens e das juventudes mediadas e intimamente imbricada no viés da cultura. É o encontro de interligações entre as políticas universitárias às políticas para juventude.

Quando o governo cria uma Secretaria da Juventude⁶ demonstra seu comprometimento com a questão, e a abordagem que assume é a da preocupação com o social, ou seja, o jovem necessita de atendimento nas diferentes temáticas em que está presente e se manifesta.

Na estrutura da Secretaria da Juventude encontra-se o documento que trata diretamente da Política Nacional da Juventude e os programas que ela se desdobra. Há um Conselho Nacional da Juventude, criado em junho de 2005, e tem por atribuição propor as diretrizes da ação do governo para as políticas da juventude. Antes da criação desta Secretaria a Sociedade representada em seus diversos segmentos, pesquisadores, ONGs, movimentos sociais, entre outros, já realizavam em 2004 um encontro para refletir e apresentar os trabalhos já realizados com e para a juventude, foi o I JUBRA, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e a Adolescência Contemporâneas, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Hoje este encontro internacional está em sua segunda edição.

Vale destacar a contribuição que o Instituto Cidadania forneceu a partir do *Projeto Juventude*. Este projeto realizou uma pesquisa pioneira realizada pela fundação Perseu Abramo, em 1999, tendo como objetivo levantar novas informações e conhecimentos estatísticos que fossem representativos e que contribuíssem para o diagnóstico e leituras para embasar os debates que se formassem sobre as políticas de juventude e outras abordagens já realizadas em pesquisas sobre a juventude. A idéia era de procurar conhecer as realidades, questões, práticas, opiniões e demandas, com objetivo de fornecer um “perfil da juventude brasileira”, participando jovens de 15 a 24 anos de todo o país (Brasil). O Projeto Juventude também organizou um seminário internacional,

“em parceria com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), com a presença de especialistas de 17 países, além de 200 brasileiros de vários estados. Realizou seminários em 11 unidades da Federação, em parceria com ONGs e poderes públicos locais, e 20 oficinas temáticas e eventos de consultas a entidades, movimentos sociais e estudiosos.” (ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 11)

enquanto avançamos no entendimento e na busca de ações que possam dar forma e condições de atender as necessidades das juventudes por meio das políticas, um campo educacional permeia esta discussão, inclusive concomitante as discussões sobre a Reforma Universitária e o direcionamento das mesmas, e ainda em paralelo as discussões sobre a

⁶ Esta Secretaria incluí-se na estrutura do Governo Federal, diretamente ligada a Secretaria-Geral da Presidência da República.

política de Extensão Universitária em pleno fervor de avaliação e recondução de suas propostas.

Não é objeto de nosso estudo a Reforma Universitária, mas compreendê-la faz parte de nosso estudo. O que vem a ser o segundo eixo de referencial na pesquisa é a Extensão Universitária, que veremos mais adiante.

Retomando, podemos dizer que para falar em juventude é necessário definir a situação, os sujeitos envolvidos, em seus comportamentos, hábitos, entre outras características que definirão determinado grupo, ou seja considera o jovem a partir de sua constituição como sujeito na sociedade e na cultura a qual pertence, e assim poderemos falar de *juventudes*.

Tecendo mais um *link* com os eixos da pesquisa encontramos o caminho da cultura muito próxima a juventude no que se refere já em pensar os conceitos de juventude aportados na diversidade de vivências cotidianas dos jovens. Já em 1993 o sociólogo José Machado Pais, usa a expressão *culturas juvenis* como título de seu livro – Portugal, sendo uma obra de referência na sociologia da juventude portuguesa. Para ele a juventude não é um todo coeso e homogêneo, pois os jovens vivenciam as situações de forma muito peculiar. E desta forma a juventude não pode ser tomada por uma fase da vida ou grupo de indivíduos que irão adentrar ao mercado de trabalho. O estudo não se limita a área da sociologia, como nos estudos convencionais, Pais amplia sua busca utilizando métodos da antropologia como a etnografia e as histórias de vida. Culturas juvenis tece um conceito dinâmico de juventude, o que mais se aproxima do conceito que se busca utilizar neste pesquisa, pois considera-se que a juventude não se encontra como sujeito receptor das ações veiculadas pelas políticas tanto da juventude como aquelas advindas das propostas universitárias, em particular da Extensão. Mas é um sujeito que interage, vivencia de forma peculiar, possuem percepções diferentes e tecem “mapas de significação” atribuídos por si próprios, Sachetti comenta:

“(…) cada um tem o seu próprio percurso individual, que varia consoante a especificidade do trajecto quotidiano, com as encruzilhadas com que se deparam e que estão directamente relacionadas com a família, com a classe de origem social, e até mesmo, com os diferentes “mapas de significação” que cada um atribui para si próprio” (SACHETTI, 2004, p. 01)

O olhar para juventude indo nesta dimensão de desenvolver uma trajetória interdisciplinar, e porque não transdisciplinar, indo das teorias sociológicas às metodologias antropológicas amplia o universo de discussão e reflexão da pesquisa aqui proposta, ou seja, o olhar a juventude pelos dois vieses nos permite trabalhar mais profundamente a questão da cultura como sendo uma base significativa de costura da formação dos jovens. Há uma rede

sentidos que se complementam quando tecemos juventude e cultura. Ao mesmo tempo em que se trabalha junto a juventude que se volta para encontrar caminhos de construção de sua cidadania – constituindo ações políticas formais, também vivencia novas construções culturais para a própria juventude, trabalhando em um espaço/ tempo propício a vivências culturais que contribuam à esse contexto de formação global.

Essa *juventude* de onde falo se define como jovens que pertencem ao universo Universitário, portanto “jovens universitários”⁷.

Em síntese, nosso estudo de pesquisa envolve três campos específicos: juventude, cultura e extensão universitária. A juventude tratada na singularidade dos seus aspectos sócio-culturais; a cultura na perspectiva da construção da subjetividade e a extensão universitária promovendo e propiciando as atividades relacionadas a cultura que favoreçam a formação do sujeito. A interação cultura e extensão universitária será trabalhada nos enfoques que privilegiem mais a juventude, como por exemplo, como a extensão universitária deve estar compromissada com a cultura da juventude e, por outro lado, de que forma, de que maneira os interesses, necessidades, sentimentos e valores dos jovens constituem-se numa preocupação e envolvimento da extensão universitária. A partir dos dados obtidos, dos estudos realizados, pretende-se mostrar, identificar a necessidade de políticas para juventude, que desenvolvidas nas políticas vigentes no ensino superior, com ênfase na extensão universitária.

A Universidade e os meandros da extensão e da cultura ...

A Universidade em seu surgimento nos séculos XII – XIII funda como afirmação de seus princípios essenciais a liberdade de pensamento,

“(...) e estão assim selados os direitos da inteligência e do livre indagar, o do descobrir, o redescobrir (...) a Universidade não só como um espaço da preservação do conhecimento estatuído, como também de criação de conhecimento novo”.
(NOGUEIRA, 2005, p.01)

Em seu segundo momento, nos diz Nogueira (2005), o legado da Revolução Francesa é o ensino laico, público e Republicano, proporcionando a democracia e o acesso ao ensino superior, bem como introduz a “transformação da Universidade no instrumento da realização do interesse público” (NOGUEIRA, 2005, p. 02). Na dinâmica de desenvolvimento da

⁷ Os sujeitos da pesquisa.

constituição histórica da Universidade vão sendo agregados valores e dimensões particulares quanto ao tempo, espaço, avanços no conhecimento, e os ritmos de apropriação destas mudanças em cada sociedade vão se dando por movimentos da política e demais interesses onde estão inseridas. Nogueira (2005) lembra a Reforma Universitária de Córdoba, que liderado pelo movimento estudantil, agrega uma dimensão decisiva nos pilares da Universidade contemporânea, que é a “Universidade como instrumento do desenvolvimento regional/nacional” (Op. Cit, 02). Com este aspecto é ressaltada a dimensão da Extensão Universitária. A tríade (referida anteriormente) se funda indissociável, porém o sentido atribuído à Extensão passa por ser esta um simples desdobramento da ação dos demais componentes da tríade e caracterizando suas ações como *sociais compensatórias*. Essa visão da extensão se arrasta com problemáticas políticas vivenciadas no período da ditadura e pós-ditadura. Esses tempos inviabilizaram um projeto ousado, que hoje se institui – principalmente a partir da década de 1980 com o fomento da discussão sobre extensão no meio universitário, onde se cria o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. O projeto, de dimensão nacional em discussões, resgata a extensão como

“(...) um meio através do qual a universidade vai cumprir sua função social. Repensar a extensão enquanto atividade acadêmica significava colocá-la ao lado do ensino e da pesquisa, na cadeia de produção e difusão do conhecimento. Significa entendê-la como o instrumento que vai possibilitar a democratização do conhecimento produzido e ensinado na universidade e atender às demandas mais urgentes da população. Ao mesmo tempo, ela se constitui em uma forma privilegiada, por meio da qual a universidade avalia e submete à avaliação da sociedade o conhecimento que produz, pelo confronto com situações concretas.” (NOGUEIRA, 2005, p. 11)

Até a criação do Fórum⁸ foram realizados, o que Nogueira (2005) considera, uma série de *ensaios de política*, que ao chegar ao Plano de Trabalho de Extensão Universitária realmente se caracteriza a primeira política de extensão universitária brasileira. Este plano se dá após estudos das principais concepções de extensão e a legislação brasileira. Vale ressaltar que nos anos 1970 o Plano de Trabalho de Extensão Universitária elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) foi o primeiro documento a ser considerado a primeira política de extensão universitária brasileira. A partir da criação do Fórum, outras duas políticas são, hoje, discutidas, são elas: O Programa de Fomento à Extensão Universitária – PROEXTE (elaborada em 1993) e o Plano nacional de Extensão Universitária (elaborada em 1998).

⁸ O Fórum é considerado um ator social voltado para sistematização da política de extensão das universidades públicas brasileiras (Pimentel, 2005).

No Plano Nacional de Extensão Universitária de 1999, achamos de início a relação com os dois eixos anteriores, que vem a ser a ação cidadã implicada como proposta nas universidades hoje, diz o seguinte;

“A ação cidadã das universidades não pode prescindir da efetiva difusão dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações cujos problemas tornam-se objeto da pesquisa acadêmica sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto, pleno direito de acesso às informações resultantes dessa pesquisa” (PLANO NACIONAL EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1999, p. 08).

Encontramos nos Relatórios e Documentos de Trabalho do grupo encarregado de estudar uma das metas do Plano nacional de Extensão lançado em 1999 [que é o estudo das diretrizes para implementação dos Sistemas de Informações e Dados das Pró-Reitorias de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras], metas se referem a área de desenvolvimento cultural;

“Ao descrever as Metas da Articulação com a Sociedade, o Plano Nacional de Extensão referencia em tempo o desenvolvimento de programas de extensão ligados à ampliação da oferta e melhoria da qualidade da educação básica, programas e projetos relacionados à preservação e sustentabilidade do meio ambiente, melhoria da saúde e qualidade de vida, melhoria do atendimento à tenção integral à criança, aos adolescentes e aos idosos, participação no programa de educação nas áreas de reforma agrária, promoção de atividades de desenvolvimento cultural – principalmente voltadas para o incentivo á leitura – assim como as do turismo regional, folclore e cultura popular”. (PLANO NACIONAL EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1999, p. 20).

O Grupo de Trabalho organizou as diretrizes relativas às áreas temáticas que deveriam ser aplicadas por todas as universidades públicas brasileiras e para cada área temática elaborou uma ementa. A ementa da área de cultura estabelece:

“Desenvolvimento de cultura; cultura, memória e patrimônio; cultura e memória social; cultura e sociedade; folclore, artesanato e tradições culturais; produção cultural e artística na área de artes plásticas e artes gráficas; produção cultural e artística na área de fotografia, cinema e vídeo; produção cultural e artística na área de música e dança; produção teatral e circense; rádio universitária.; capacitação de gestores de políticas públicas do setor cultural; cooperação interinstitucional e cooperação internacional na área; cultura e memória social” (PLANO NACIONAL EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 1999, p. 25-26).

Observa-se que estas propostas agregam valor educacional às oportunidades de contribuir com as agendas voltadas para novas formas de representação das políticas e culturas, respeitando o *modus vivendi* e a expansão das aspirações e habilidades da população e sociedade local/ regional. Neste contexto as universidades, por meio do desenvolvimento de

ações que promovam, por meio da cultura local, a formação de seus alunos e da comunidade em geral. O objetivo é o de proporcionar um espaço de interação e discussão sobre os diferentes campos das artes, proporcionando aos alunos a tão famosa “vivência da estética”, que promove a sensibilidade, instiga o pensamento e a reflexão sobre o contexto, a sociedade e a sociedade a qual pertence.

Na área de educação, no contexto universitário, em que na tríade pesquisa-ensino-extensão, ressalto o campo da extensão como o lócus no qual a relação universidade-cultura-sociedade se realiza. O espaço é o da escolaridade universitária, e nesse contexto faço o recorte para a dimensão da extensão, a qual se constitui uma das funções da Universidade. Nesta dimensão a relação cultural se impõe como dado significativo nas construções, tanto do ponto de vista da sociedade e cidadania, quanto para a formação de identidades culturais juvenis. Isso a partir da possibilidade das atividades extensionistas serem o elo de compreensão da interação universidade/ cultura/ sociedade.

É o caminho da ação extensionista capaz de realizar um objetivo cultural mais amplo, quando se apresenta a partir do conceito;

“A extensão universitária se distingue como um processo que implica uma comunicação com a sociedade, em uma dimensão comunicacional que revela suas experiências históricas e políticas e, pautada no conhecimento científico, tecnológico, cultural e humanístico acumulado na universidade” (MENDES, 2005, p. 08).

Não é apenas a realização de atividades no campo da cultura que interessa, é estar proporcionando o desenvolvimento da capacidade de análise e crítica sobre a visualidade do mundo contemporâneo, implicando a reflexão sobre a vida cotidiana e as formas diversas de relações estabelecidas com a sociedade, em seus vieses de historicidade, política e economia. É partilhar com o público a capacidade que o artista possui em expressar “a ambiência contemporânea” por meio do trabalho com as diferentes linguagens artísticas em suas relações espaço-tempo, utilizando-se do exercício amplo, contínuo e crescente da sua percepção e sua apreciação estética.

A cultura hoje promovida na universidade, via Extensão Universitária, sendo uma das instituições sociais responsável pela educação e junto com a sociedade, representada hoje pelos governos, movimentos sociais, organizações não-governamentais, nacionais e internacionais, bem como o setor privado e as agências multilaterais de desenvolvimento, estão se movimentando em um sentido de unidade na busca de implementar políticas de empoderamento comunitário. Desta forma a Extensão Universitária envolve-se na legitimação

de concepções de que fundam a idéia de reconhecimento dos estilos de vida e da produção material e imaterial das diversas culturas.

“O papel da universidade na visão de ir além da sala de aula e do cientificismo desvinculado do significado da realidade social dos sujeitos, supera paradigmas e normas de identificação histórica tanto de natureza como de função das universidades, e seu papel no desenvolvimento do ensino da pesquisa e da extensão. A partir da função universitária como lócus privilegiado de “descobertas destinadas a deslocar as fronteiras do conhecimento. Mas tanto no experimento científico quanto no diálogo reflexivo ou no desempenho pedagógico, persiste um objetivo comum, seguir nesta aventura fantástica do espírito humano mordido pela curiosidade insaciável de saberes”, (Barbieri, 1999: 11), buscasse entender o papel da extensão universitária, enquanto proponente de criação de políticas culturais que contribua na formação do sujeito social, localizado na categoria juventude, e ao mesmo tempo não relegar sua vocação gerada no seio do pensamento humanista (op.cit), e como guardião do legado de contos já produzidos como trabalho de ser capaz de fazer o diálogo deste legado com os contos mais atuais produzidos, de forma a gerir e fecundar novas idéias”. (MENDES, 2005, p. 06)

Têm-se assim, o desafio de compreender/ construir o espaço da extensão universitária como lócus de fomento, por meio de atividades extensionistas de diversas naturezas que contemplem a formação generalista/ especialista, não relegando a segundo plano a formação do jovem universitário cidadã, pois é preciso estabelecer links na vida cidadã para associar competências e construir a memória social/ cultural de um povo (RAMAL, 2002).

“no campo da cultura, a extensão universitária ultrapassa a função de exclusivamente atender a demanda pela universidade geradora de novos conhecimentos por uma função mais propositiva, que plena da consciência de sua função social atua na promoção do desenvolvimento cultural da sociedade. Preservar e desenvolver a cultura é visto como necessidade intrínseca da universidade, que se integra as diferentes forças na sociedade para a conservação do legado cultural”. (MENDES, 2005, p. 06)

A questão, assim envolve a possibilidade de construção do espaço da extensão universitária ser propício ao desenvolvimento cultural e por meio deste constituir mecanismos de crescimento tanto para a juventude universitária quanto a correspondência de suas ações responsáveis no espaço de direitos e deveres sociais.

Uma problemática ... Uma metodologia ...

Algumas questões são colocadas neste estudo:

A problemática da pesquisa em investigar sobre como relacionar as políticas de cultura promovidas dentro da extensão universitária que contribuam na formação da juventude.

Outra problemática seria investigar até que ponto a universidade entende a relevância de se desenvolver a cultura dentro da universidade de forma que esta seja um viés de construção da base formativa do sujeito educacional/ social.

Finalizando, a problemática de se pensar novas propostas de política de cultura para extensão universitária. A questão, assim, envolve a possibilidade de construção do espaço da extensão universitária ser propícia ao desenvolvimento cultural e por meio deste, constituir mecanismos de crescimento tanto para a juventude como para a correspondência de suas ações responsáveis no espaço de direitos e deveres sociais.

Para isso é preciso que o jovem perceba a diferenciação entre cultura e entretenimento, o reconhecimento, a legitimação, e o empreendimento e construção de cultura social e universitária (visto pela própria natureza do espaço universitário como sendo a convivência do velho e do novo, em direcionamento das construções do pensamento de vanguarda).

Do olhar da extensão para cultura e vice versa encontramos significados e sentidos que embalam a interlocução com a sociedade. Alguns fundamentos orientam para conceber nesta relação a condição de viver que é motivo de criação cultural.

As discussões que envolvem a produção e formalização, no sentido de dar corpo as questões sobre cultura na sociedade e suas implicações políticas e educacionais remete ao questionamento do caráter assistencialista da cultura integrada à extensão universitária, sobre a possibilidade de efetivar a concepção de que tanto a cultura como a educação não são neutras, e será preciso redefinir a relação entre extensão universitária e cultura, e onde o *caminho do trabalho extensão/ cultura seria o de desenvolver uma extensão que possa contribuir para evidenciar as contradições existentes na sociedade?*

A universidade por meio das atividades extensionistas apresenta a oportunidade de unidade questionadora desta corrente cultural de massa. Porém, ao mesmo tempo em que a universidade, por meio de atividades extensionistas apresenta o espaço propício ao desenvolvimento e produção de propostas culturais também enfrenta um problema de concepção/ conceituação do que é cultura do ponto de vista dos jovens.

Para pensar o fazer da prática extensionista e o desenvolvimento cultural, esse dado vem confirmar a necessidade do trabalho da extensão não no sentido impositivo, mas como espaço que pode fomentar as reflexões sobre a sociedade na qual estes jovens vivem.

Na tentativa de responder ao problema apresentado acima a pesquisa é de abordagem qualitativa, utilizando a etnografia combinada com elementos das pesquisas sociológicas, inferindo decisivamente sobre o campo de estudo com a utilização de instrumentos com princípios de delineamento que contemplam a amostragem, a observação, o privilégio da

escuta das expectativas do outro, os jovens/ juventude, e ampliando ainda o universo do registro por meio de imagens em fotografia e vídeos. Os instrumentos para coleta de dados ainda se estendem aos documentos nas áreas de cultura, extensão universitária e juventude, as políticas referentes a estas na sociedade contemporânea.

Estando a pesquisa vinculada à área social em que se exige cobertura adequada dos acontecimentos sociais por meio de métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como necessidade metodológica. Desta forma a pesquisa será organizada a partir da ação empírica que exige;

- a observação sistemática dos acontecimentos;
- na busca de inferir os sentidos desses acontecimentos tanto dos atores como do atores e expectadores;
- técnicas de interpretação dos vestígios materiais colhidos em eventos grupais para coleta de dados, sejam estes suscitados pelo pesquisador ou pelos participantes da pesquisa;
- o modo de *experienciação* dos participantes a partir das múltiplas linguagens tanto de comunicação como de realização/ ação criadas no contexto da pesquisa-ação.
- será considerado o cotidiano como lócus de experimentação.

Contribuirá com a pesquisa preceitos da pesquisa quantitativa enquanto modelagens estatísticas necessárias sobre os dados colhidos, a fim de enquadramento da pesquisa qualitativa.

Espera-se desenvolver metodologicamente a dialética no cerne condutor de pesquisa.

Quanto aos sujeitos da pesquisa considera-se a juventude do ponto de vista da sociologia da educação e sob a orientação do “Relatório de desenvolvimento juvenil 2003” e pelo documento de 2004, realizado pela UNESCO em que traça um amplo panorama da situação social e econômica das juventudes brasileiras nas 27 Unidades da Federação, e considera a faixa etária de 15 a 24 anos, considerando também os jovens na faixa etária em que se encontram na universidade. A investigação conta com visitas e contatos via internet em algumas instituições de ensino superior consideradas de qualidade no tópico relativo ao desenvolvimento de cultura na extensão universitária.

Tecendo algumas considerações finais...

A observação já iniciada na pesquisa tem demonstrado que as universidades brasileiras tanto do ensino público como particular tem se esforçado para desenvolver a extensão. Algumas trabalham com eventos culturais na perspectiva assistencialista. O que merece uma análise mais profunda.

Os contextos de concepções de desenvolvimento da extensão na área de cultura estão em estudo e as definições de encaminhamento da pesquisa estão sob constante reflexão conforme os dados que encontramos.

A pesquisa se encontra no início e espera-se que para o próximo ano possamos colaborar com a discussão acadêmica com empenho mais sistematizado. De qualquer forma esta pesquisa se encontra agora sob domínio das colaborações que os demais pesquisadores possam oferecer quanto as suas reflexões para o bom desempenho e contribuição ao desenvolvimento das propostas de políticas educacionais e culturais.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. In SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado do Conhecimento. Juventude e escolarização.** S/ed. 2000.

LARRAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

Mannheim, In SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado do Conhecimento. Juventude e escolarização.** S/ed. 2000.

MENDES, Sonia Regina. **Relatório da Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão 2005.** Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2005.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas.** Belo Horizonte: PROEX/ UFMG; o Fórum, 2000.

NOVAES, Regina & VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE/ PARA/ COM JUVENTUDES. Brasília: UNESCO, 2004.

SACHETTI, Inês. **Culturas juvenis – notas de aula**. Centro de Estudos Sociais. Projecto Culturas Juvenis. Portugal: Universidade de Lisboa, 2004.

SISTEMAS DE DADOS E INFORMAÇÕES: BASE OPERACIONAL DE ACORDO COM O PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Rio de Janeiro: NAPE, UERJ, 2001. Coleção Extensão Universitária; v. 1, 2, 3.

SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado do Conhecimento. Juventude e escolarização**. S/ed. 2000.